

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão**  
**Curso de Especialização em Língua Portuguesa**

**PRISCILA ALENCAR SOARES**

**O ensino da Gramática Normativa na visão dos alunos  
do Ensino Médio (1º, 2º e 3º anos) de uma escola da  
Rede Estadual Pública de São Paulo**

**SÃO PAULO**  
**2015**

**Priscila Alencar Soares**

**O ensino da Gramática Normativa na visão dos alunos  
do Ensino Médio (1º, 2º e 3º anos) de uma escola da  
Rede Estadual Pública de São Paulo**

Monografia apresentada à Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo –  
PUC/SP, para obtenção do título de  
Especialista em Língua Portuguesa, sob  
orientação da Profª Dra. Marilena Zanon.

**SÃO PAULO  
2015**

---

---

---

*À professora Marilena Zanon, pelo  
carinho, incentivo e pela inspiração.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela saúde e pelo ar que respiro.

Aos meus pais, Antonio e Danuzia, por tudo que sou.

As minhas irmãs, Michelle, Isaura, Tainá e Aline, pelos momentos de alegrias.

Ao meu esposo, Jefferson Soares, pelo carinho, respeito e compreensão.

Aos professores do Lato sensu, pelo empenho e dedicação.

À minha querida orientadora, Marilena Zanon, pelo carinho, pela dedicação e pelo incentivo.

A todos os amigos e colegas que compartilharam este momento comigo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>06</b>
<b>CAPÍTULO I - Questões fundamentais sobre o ensino de gramática</b>	
1.0. Introdução	09
1.1. Concepção de gramática	09
1.2. O ensino tradicional da Língua Portuguesa nas escolas	14
1.3. Por que ensinar/aprender gramática na escola?	16
<b>CAPÍTULO II - A língua materna e seus objetivos</b>	
2.0. Introdução	19
2.1. O objetivo do ensino de Língua Materna, segundo os PCN's	19
2.2. Aula de português: Como é <i>Versus</i> Como deve ser!	23
2.3. A gramática e o texto	25
2.4. Gramática: (não) é para se estudar!	28
<b>CAPÍTULO III - Um ensaio para o estudo de Língua Portuguesa, no Ensino Médio</b>	
3.0. Introdução	32
3.1. A visão dos professores sobre o ensino de gramática	32
3.2. A visão dos alunos sobre o ensino de gramática	38
3.3. Análise dos resultados	46
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>52</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se compartilhar preocupações, considerações e uma análise do ensino de gramática na escola, principalmente no que se refere à metodologia utilizada pelo professor de língua materna. Como pressupostos teóricos foram utilizados as contribuições referentes aos três conceitos de gramática de Possenti (1996), o estudo de gramática na escola realizado por meio da pesquisa de Neves (2003), as contribuições de Antunes (2003) a respeito do ensino de gramática nas escolas e às propostas descritas nos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais). Além de, outros autores selecionados para dar suporte a este estudo, como: Bechara (2002), Perini (2001), Luft (1985), Rocha Lima (2010) e Travaglia (2009).

O *corpus* da pesquisa compõe-se de várias bibliografias, como as que foram citadas e dos questionários aplicados a quatro professores e setenta e dois alunos da Rede Estadual Pública de São Paulo. A pesquisa direcionada aos alunos foi feita a partir de questões como: o que é gramática, qual a sua finalidade, qual a contribuição que ela trará à sua vida, e outras. Aos professores, questionamos qual o objetivo das aulas de Língua Portuguesa, como o ensino da gramática pode contribuir para que se alcance tal objetivo, como trabalhar a Gramática Normativa no Ensino Médio e quais exercícios costumam aplicar em sala de aula.

Propomo-nos a relacionar alguns métodos e exercícios que o docente e futuro docente poderão utilizar para tornar suas aulas um ambiente de extrema produtividade. Com os métodos que relacionamos ao longo do trabalho, objetivamos que o professor compreenda porque deve ensinar gramática, para conseqüentemente, responder a indagação de seus alunos: Por que devo aprender gramática na escola? Esta pesquisa nos possibilitou observar os diferentes conceitos de gramática que alunos e professores apresentam, analisar as novas metodologias para um ensino de gramática sem imposições. Ao longo da pesquisa, descobrimos que esses novos conceitos que apresentamos direcionam o fazer pedagógico e que, para os aprendizes, o

sucesso do ensino da gramática está completamente interligado ao modo que o professor retrata este estudo em sala de aula.

No decorrer do trabalho serão apresentadas possibilidades para que o ensino de gramática deixe de ser pesaroso e passe a ser mais agradável, tanto para professores quanto para alunos. Baseados na pesquisa de Neves (2003) e nos estudos de Possenti (1996) e Antunes (2003), tentamos desmistificar a ideia de que o professor deve ensinar a gramática normativa na escola em detrimento das demais.

Sendo assim, um estudo nesse sentido assume um papel relevante, pois docentes e futuros docentes devem ter a preocupação de despertar o interesse de seus alunos para a aprendizagem da gramática, não como uma imposição, mas, como mais uma possibilidade linguística que lhe permita fazer a melhor escolha quanto a linguagem a ser usada no ambiente social em que está inserido, aumentando significativamente, seu rol vocabular.

Para que essa pesquisa alcance o objetivo a que foi proposto, iniciamos o primeiro capítulo levantando questões fundamentais a respeito do ensino de gramática. Expomos o conceito de gramática de acordo com renomados autores de gramática, como: Evanildo Bechara, Rocha Lima, M. H. de Moura Neves e Sírio Possenti. Uns apresentaram apenas o conceito que conhecemos por gramática normativa, outros apresentaram o conceito do estudo da gramática em funcionamento, e ainda teve quem apresentasse a gramática como material de estudo para gramáticos descritivos. Observamos que todos esses conceitos contribuem de forma ímpar para um ensino de sucesso.

Analisamos também, propostas relacionadas ao ensino tradicional da Língua Materna nas aulas de português, e questionamos o porquê de aprender e ensinar gramática na escola, descrevemos várias críticas que Antunes faz ao ensino de gramática nas escolas e procuramos mostrar as possibilidades que o professor de Língua Portuguesa tem para melhorar a forma como esse ensino é realizado em suas aulas de gramática.

No capítulo dois buscamos resgatar estudos e conceitos a respeito da Língua Portuguesa e quais são seus principais objetivos. Realizamos uma paráfrase dos Parâmetros Curriculares Nacionais para sintetizarmos o objetivo do ensino de gramática nas escolas. Iniciamos, descrevendo as competências e habilidades que os PCN's instruem ao professor de Língua Portuguesa para a realização de um ensino centrado no aluno e não mais tendo o professor como o depositário de informações e dono do saber absoluto. Citamos também, algumas propostas que os PCN's apresentam que o professor deve utilizar se quiser que suas aulas realmente façam sentido aos seus alunos.

Apresentamos também, alguns estudos de como tem sido o ensino de Língua Portuguesa e como ele deve ser, e ressaltamos a importância de trabalharmos a gramática tendo o **texto** como *objeto de estudo*. Para finalizar o capítulo, levantamos uma questão que muito se tem discutido a respeito da gramática: é para estudá-la ou não?

No terceiro, e último capítulo, realizamos um breve ensaio para o estudo de Língua Portuguesa no Ensino Médio. Realizamos uma pesquisa em que quatro professores que atuam nos 1º, 2º e 3º anos numa escola da Rede Estadual Pública de São Paulo contribuem de forma significativa para nosso estudo. A pesquisa foi realizada também com o auxílio de setenta e dois alunos que se prontificaram a responder a um questionário com questões fundamentais sobre a gramática.

Buscamos extrair o máximo de informações possíveis para tentarmos descobrir como tem sido o estudo de gramática nas escolas, depois das muitas teorias inovadoras que surgiram nas últimas décadas, para um ensino baseado na língua em funcionamento e como mais uma possibilidade linguística e não como o único modelo correto a ser usado. Após esta análise apresentamos os resultados obtidos com a pesquisa.

# CAPÍTULO I

## QUESTÕES FUNDAMENTAIS SOBRE O ENSINO DE GRAMÁTICA

### 1.0. Introdução

Ao longo da nossa experiência, como professora de português, em escola pública, percebemos a dificuldade que nossos alunos têm quando o assunto é gramática. Muitos insistem em dizer que não sabem o que ela significa, nem para quê ela serve, e muito menos, por que estudá-la. Esses apontamentos me fez perceber a importância de tornar nítido, aos alunos e aos colegas de profissão que desconhecem o que é gramática, seu verdadeiro sentido, sua aplicação e sua importância.

Sendo assim, fez-se necessário que fizéssemos uma breve análise sobre gramática pelo ponto de vista de diferentes autores, tais como: Bechara (2002), Rocha Lima (2010), Neves (1997) e Possenti (2004). Preocupamo-nos também, a apontar o objetivo do ensino de língua materna, para isso, recorreremos aos PCN's (1998 e 2000). Para finalizar este capítulo buscamos conjuntamente estudos de Antunes (2003) e Perini (2001).

### 1.1. Concepção de gramática

Segundo o dicionário Aurélio, gramática é: “o estudo ou tratado dos fatos da linguagem e das leis naturais que a regulam [...]”. Esse conceito bastante genérico nos levou a recorrer a concepções de gramática apresentados por Bechara, Rocha Lima, Moura Neves e Possenti, teóricos que se dedicam ao estudo da língua materna.

De acordo com Bechara (2002), há dois tipos de gramática: a *normativa* e a *descritiva*. No geral, para esse estudioso, a gramática é uma língua particular e homogênea que nos é apresentada, de forma diversificada, conceituando fonética, fonologia, morfossintaxe, semântica e estilística. Esse teórico conceitua a gramática descritiva como “uma disciplina científica que registra e descreve um sistema linguístico em todos os seus aspectos” (2002, p.52). Esses aspectos que Bechara menciona são: o fonético e fonológico, o

morfossintático e o léxico. Ainda de acordo com Bechara, o objetivo da gramática descritiva é registrar como se fala, numa determinada língua funcional. A gramática descritiva não está interessada em ditar o que é certo e o que é errado, ela apenas estuda cientificamente os diferentes modos de falar.

Quanto à gramática normativa, Bechara (op.cit. 2002), salienta que, ao contrário da gramática descritiva, ela não está ligada a estudos científicos, mas apenas a fins pedagógicos. A gramática normativa dita regras de bom uso, segundo escritores consagrados, gramáticos conceituados e dicionaristas reconhecidos. Na concepção normativa, a gramática serve como modelo a ser seguido por todos que pretendam obter melhor convívio social. É aquele manual que dita as regras de bom uso da língua, que deve ser usado por aqueles que querem se expressar adequadamente. A gramática normativa é uma espécie de lei que regula o uso da língua em sociedade. É, também, aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial.

Segundo Rocha Lima, gramática “é uma disciplina didática por excelência”. Sua principal função é decodificar o uso da língua. De acordo com Rocha Lima, a gramática normativa desempenha esse papel por meio das normas e regras que em determinado tempo ditam o que é correto.

Para a conceituação mais clara da gramática normativa, extraímos um texto da obra “Gramática Normativa” de Rocha Lima:

Son formas correctas de deciraquellas aceptadas y usadas por los grupos más cultos de la sociedad. Corrección quiere decir aquí prestigio social de cultura (Alonso e Urena apud Rocha Lima, 2010, p. 38).

Assim como o conceito de gramática normativa citado anteriormente por Bechara, Rocha Lima ressalta que as regras da gramática normativa estão fundamentadas nas obras de grandes escritores que buscavam uma linguagem perfeita, pois é nela que uso idiomático consagrou-se.

Rocha Lima destaca que quando se refere a esses grandes escritores diz apenas dos que utilizam os padrões da norma culta em suas obras, excetuando assim os escritores regionalistas e os experimentalistas, por melhores que pudessem ser suas obras. Sobre os escritores experimentalistas sabe-se que se apegam à estética literária, porém não atentam para as normas da língua.

Para Rocha Lima a gramática normativa é dividida em três estudos distintos: fonético e fonológico, que estuda os fonemas e suas combinações, os acentos e a entonação da fala; o morfológico, que estuda as formas, estruturas e classificações das palavras, e por último, o campo sintático que estuda a construção dos discursos, por meio das frases.

No que se refere à gramática descritiva, Rocha Lima difere uma da outra do seguinte modo:

Distinguem-se, assim, a gramática *normativa* da gramática *descritiva*, que examina a língua como “sistema de meios de expressão” sem levar em conta a sua utilização imediata como código de bem falar e escrever. É claro que se trata de disciplinas interdependentes, porém de finalidades distintas. (2010, p.38)

Neves (1997, p.15) apresenta-nos a concepção de gramática funcional, que é assim definida pela autora:

(...) por gramática funcional entende-se, em geral, uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social. Trata-se de uma teoria que assenta que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição, e que entende a gramática como acessível às pressões do uso.

A autora salienta que a gramática funcional considera a competência comunicativa do indivíduo, ou seja, considera a capacidade que o falante tem em “codificar e decodificar expressões” (*Op.cit*, p.59). Ela ressalta, ainda que, além da capacidade comunicativa, a gramática funcional contempla o modo pelo qual os falantes usam e interpretam diversas expressões linguísticas satisfatoriamente.

Neves afirma que a gramática escrita e falada deve ter como alvo o uso funcional da língua, ou seja, o uso real de enunciados que verdadeiramente façam parte do contexto comunicativo dos falantes, garantindo-lhes habilidade nas diversas situações da linguagem que possam surgir. De acordo com Neves, a gramática funcional vê a língua como uma estrutura flexível que está sujeita a sofrer mudanças de uso e não como um código cheio de regras, como se vê na gramática normativa.

Para Possenti (2004), há três classificações distintas para a gramática: “gramática normativa ou prescritiva”, “gramática descritiva” e “gramática internalizada” (Possenti, 2004). Partiremos da gramática normativa que é aquela que rege a norma culta, dita o que é certo ou errado. É composta por todas as regras impostas pelo ensino de língua padrão. Possenti (2004, p.65) exemplifica algumas dessas regras:

(...) o verbo deve concordar com o sujeito, por um lado, e, por outro, que existe uma forma determinada e única para cada tempo, modo e pessoa do verbo: a forma de “por” que concorda com “eles” no pretérito perfeito do indicativo é “puseram”, e não “pusero”, “pôs”, “ponharam”, “ponharo” ou “ponhou”.

Quanto à gramática descritiva, como o próprio nome diz, destina-se a descrever as línguas da maneira como são faladas, sem se preocupar com o que parece ser “certo ou errado”. Ela estuda as variantes linguísticas de acordo com o contexto social de cada indivíduo. A respeito desse tipo de gramática,, Possenti (2004, p.68) afirma:

o gramático descritivista não está preocupado em apontar erros, mas pode ir além da constatação de que essas formas (“eles pôs” e “eles pusero”) existem, verificando, por exemplo, que elas são utilizadas por pessoas de diferentes grupos sociais ou, eventualmente, pelas mesmas pessoas em situações diferentes.

A gramática descritiva é a que descreve e registra para uma determinada variedade da língua, em um dado momento de sua existência, as unidades e categorias linguísticas existentes, os tipos possíveis de construção e a função desses elementos, o modo e as condições de seus usos.

Quando à gramática internalizada, segundo o autor (Op.cit.), é aquela que todo falante domina, pois, já está inserida no subconsciente do indivíduo desde sua infância. É tudo o que aprendemos desde criança de uma forma natural, exemplo disso é como aprendemos a falar, aprendemos simplesmente porque ouvimos os outros falarem, dessa forma, não é preciso ensinar a criança a falar uma frase, pois com o passar do tempo ela vai formando suas frases e começa a usar substantivos, adjetivos, verbos, etc., ou seja, esse é um processo natural que ocorre em cada indivíduo. Também relacionado à gramática internalizada, Possenti (Op.cit, p.69) ressalta:

[...] refere-se a hipóteses sobre conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou sequências de palavras de maneira tal que essas frases e sequências são compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua. Diante de frases como “Os menino (a) panha as goiaba”, qualquer um que fale português sabe que são frases do português (isto é, que não são frases do espanhol ou do inglês); isso tem a ver com aspectos observáveis das próprias frases.

A gramática internalizada, assim como a normativa, tem suas regras, ou seja, ambas possuem um mecanismo gramatical que sustenta o processo da fala e da escrita. A diferença entre elas se dá pelo seguinte aspecto: a primeira utiliza as regras adquiridas inconscientemente pelo convívio com os demais falantes, e a segunda, estabelece suas regras de acordo com a fala da classe dominante, os que têm mais prestígio perante a sociedade, e também pelos estudos de escritores e gramáticos consagrados.

Há, também, outros tipos de gramática: a explícita ou teórica, representada por todos os estudos linguísticos que buscam, por meio de uma atividade metalinguística sobre a língua, mostrar sua estrutura, constituição e funcionamento; e a reflexiva, que se refere mais ao processo do que aos resultados.

Neste trabalho, iremos nos ater, principalmente, na gramática normativa.

## 1.2. O ensino tradicional da Língua Portuguesa nas escolas

O ensino de Língua Portuguesa tem sido objeto de constantes discussões, pois o que geralmente observamos nas escolas, desde tempos remotos, é aquele estudo da língua materna vazio, tradicional, purista, voltado apenas para regras gramaticais com a finalidade de mostrar o que é certo e o que é errado. Luft (1985, p.16) ressalta essa afirmação:

Eis um óbvio que frequentemente esquecem os que transformam o estudo da língua em estudo de gramática. Uma crítica indireta à escola tradicional, onde é tão raro que se estude a língua como meio de comunicação – atual, vivo, eficiente.

Para que abandonemos essa prática, o autor nos orienta a fazer uso da linguagem dos alunos, a julgarmos essa linguagem como atos de comunicação, objetos de estudo e não simplesmente como parte de um estudo purista gramatical ou voltado apenas às questões ortográficas.

É necessário que os professores aproveitem a comunicação dos alunos para que o estudo da Língua Portuguesa se torne algo mais interessante, ou seja, devemos auxiliar nossos alunos para que eles compreendam como escolher as formas mais adequadas de acordo com o ambiente sócio interacional que estão inseridos.

A respeito de ensinarmos conteúdos de Língua Portuguesa que realmente façam sentido aos nossos alunos e que nossas aulas deixem de ser pura chateação para eles, Luft (1985, p. 17) salienta

O que seriam as “algumas” regras de Veríssimo? Claro: as regras da disciplina escolar chamada Gramática, que registra apenas normas da língua culta, de preferência formal e escrita. Ali se aprende a diferença entre o e lhe, para evitar o vexame de algum “convidar-lhe” em convite formal impresso; a diferença entre houve e houveram, para evitar a desafinação de um “se houverem problemas” num discurso de governador, por exemplo; formas verbais irregulares, como interveio e intervindo, manteve, esteja, seja (não esteje ou seje), etc. Dispensáveis todas as regras que não contribuem para a eficácia comunicativa, as que embarçam e atravancam a comunicação, que dão ao aluno a ideia de que “aula de Português é uma chateação”, não serve para nada. Todas as regras inúteis e retrógradas deveriam ser eliminadas, proibidas.

Até mesmo porque já sabemos que se um aluno conhecer (ou decorar) todas as regras gramaticais não garantirá que ele faça uso da língua de forma correta e eficaz ou que ele se torne um falante habilidoso da língua, isso só ocorrerá quando ele souber usar o recurso adequado de acordo com o contexto comunicativo em que ele estiver inserido.

Quanto a isso, Luft (1985, p. 44) ressalta

Essa confusão entre gramática e escrita deve-se à escola tradicional, toda voltada ao ler e escrever, esquecida ou alienada do ouvir e falar. Os professores tradicionais de língua materna agem como se devessem formar escritores. Ironicamente, escrever é o que o aluno menos aprende.

De certa forma, podemos atribuir à escola tradicionalista a responsabilidade de que nossos alunos pensem o quanto é ruim, chato e entediante estudar a Língua Portuguesa, pois quando os professores apresentam regras descontextualizadas e sem sentido, achando que seus alunos dominarão a língua materna, eles apenas contribuem para o desinteresse do aluno em querer aprender a ler e a escrever adequadamente.

É importante que o professor compartilhe com seus alunos o hábito da leitura de acordo com a faixa etária deles e, principalmente, de acordo com o conhecimento que eles já trazem. O professor deve despertar em seus alunos o desejo de querer ler e escrever textos de diferentes gêneros adequadamente sempre observando o que o contexto social em que ele está inserido no momento requer.

Enfim, temos a esperança de que alguns professores estão dispostos a buscar o novo, e já compreenderam que o ensino tradicional além de não contribuir em nada pode traumatizar seus alunos sem ao menos trazer um mínimo resultado positivo. Sendo assim, esses professores buscam um ensino contextualizado, mais prático e eficiente e para isso, como já foi dito, é necessário que se parta do conhecimento prévio que nosso aluno já traz para a sala de aula.

Fazendo isso, certamente, alcançaremos nosso objetivo de tornar nossos alunos “políglotas em sua própria língua”, alcançaremos nosso objetivo de auxiliar nosso aluno para que ele desenvolva sua competência leitora e escritora de

forma eficiente, e por fim, alcançaremos nosso objetivo de tornar nosso aluno um cidadão crítico capaz de expor e defender suas ideias por meio do domínio adequado de sua língua.

### **1.3. Por que ensinar/aprender gramática na escola?**

Antunes (2003) cita alguns tópicos interessantes a respeito do ensino de gramática na escola, que nos remetem a pensar sobre os motivos para os quais os alunos têm para não querer aprender gramática. A autora reconhece os esforços empreendidos pelas escolas para alcançar um ensino com mais qualidade e maior êxito. No entanto, ela menciona algumas constatações menos positivas acerca do processo de ensino da Língua Portuguesa.

Antunes (Op.cit.) cita quatro campos do ensino de língua portuguesa: o da oralidade, o da escrita, o da leitura e o da gramática. Vamos nos ater apenas ao último, o campo da gramática. Acerca do ensino de gramática, Antunes (op.cit p.31) afirma que as atividades desenvolvidas nas escolas são realizadas por meio de

(...) uma gramática descontextualizada, amorfa, da língua como potencialidade; gramática que é muito mais “sobre a língua”, desvinculada, portanto, dos usos reais da língua escrita ou falada na comunidade do dia a dia. Uma gramática das excentricidades, de pontos de vista refinados, mas, muitas vezes, inconsistentes, pois se apoiam apenas em regras e casos particulares que, apesar de estarem nos compêndios de gramática, estão fora dos contextos mais previsíveis de uso da língua.

Observa-se que esse ensino não motiva o aluno a querer aprender sobre a gramática, pois ele não consegue enxergar uma razão lógica para esse aprendizado, já que tudo o que é ensinado está fora dos usos que eles realmente conhecem e está completamente distante do contexto social em que a maioria deles vive.

No que se refere às atividades em torno da gramática, a autora (2003, p.31) ainda faz críticas quanto ao modo como se ensina gramática e quanto ao tempo gasto nas aulas de Língua Portuguesa para ensinar nomenclaturas

(...) uma gramática fragmentada, de frases inventadas, da palavra e da frase isoladas, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função; frases feitas pra servir de lição, para virar exercícios. Uma gramática da irrelevância, como primazia em questões sem importância para a competência comunicativa dos falantes. A este propósito, valia a pena perguntar-se qual a competência comunicativa que há em distinguir um adjunto adnominal de um complemento nominal, ou ainda, em reconhecer as diferentes funções do QUE ou do SE, coisas com as quais muito tempo de aula ainda é desperdiçado.

Antunes (Op.cit. p.32) ressalta que as atividades ligadas à gramática são voltadas apenas para as nomenclaturas e a classificação das unidades “e não das regras de seus usos”. Com isso, a autora ratifica que o professor apenas vai fazer seus alunos reconhecerem cada unidade e nomeá-las corretamente sem realmente aprenderem como essas regras são usadas.

A autora ainda sugere que talvez o motivo da gramática normativa ser tão utilizada nos exercícios de Língua Portuguesa acontece porque sua compreensão é mais fácil, já que se trata de uma língua estanque, pouco flexível e que dificilmente ocorre intervenções dos falantes, já que tem suas regras e padrões inseridos em compêndios gramaticais. Outro ponto a se registrar é que para dar aula de gramática, há livros didáticos e dicionários disponíveis e para trabalhar leitura e escrita, o professor não tem material suficiente para isso.

Antunes (2003, p.32-33) ainda continua com as críticas ao modo como a gramática normativa é ensinada nas aulas de Língua Portuguesa e quanto à forma que é utilizada nas atividades em sala de aula

(...) uma gramática inflexível, petrificada, de uma língua supostamente uniforme e inalterável, irremediavelmente “fixada” num conjunto de regras que, conforme constam nos manuais, devem manter-se a todo custo imutáveis (apesar dos muitos usos em contrário), como se o processo de mudança das línguas fosse apenas um fato do passado, algo que já aconteceu e não acontece mais. Por esta via de preocupação, a “consulta” que se faz é sempre, e apenas, a um compêndio de gramática (nem sempre consistentemente atualizado), sem, de alguma maneira, considerar o que, na verdade, é fato, ou seja, sem considerar o que faz parte dos usos reais que os grupos mais escolarizados de falantes e escritores da atualidade adotam.

Antunes salienta a razão pela qual, professores e alunos, só conseguem enxergar a gramática normativa como a padronização do que é certo e do que é errado e, muitas vezes, acabam esquecendo-se de outros aspectos linguísticos que realmente são relevantes, como, por exemplo, os fatos textuais e discursivos.

Diante desse leque de críticas citado por Antunes, percebe-se que professores e, principalmente, alunos têm infinitos motivos para contestar o ensino de Língua Portuguesa, especificamente, o ensino da gramática normativa. Antunes sugere que “viremos a página”, ou seja, é necessário que se busque uma solução eficaz para esse problema.

Neste capítulo, resgatamos Perini (2001) que diz :“*precisamos de gramática que façam sentido, que tenham lógica, que as definições sejam compreensíveis e que sejam respeitadas em todo o trabalho*”. Segundo esse autor, é necessário redefinir os objetivos da disciplina Língua Portuguesa e só aprendemos a escrever, escrevendo, lendo, relendo e escrevendo. E aí ela lança uma pergunta: se for assim, para quê estudar gramática no primeiro e segundo graus?

## CAPÍTULO II

### A LÍNGUA MATERNA E SEUS OBJETIVOS

#### 2.0. Introdução

Como professora de Língua Portuguesa para falantes nativos dessa língua sempre me vem a pergunta: para que se ensina português para seus falantes? Travaglia (2006) fornece 4 respostas para essa questão: **a primeira**, refere-se à competência comunicativa dos usuários da língua, ou seja, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação. E para se obter essa competência, estão implicadas outras duas competências: a gramatical e a textual; **a segunda**, estão englobados dois objetivos: **a)** levar o aluno a dominar a norma culta e **b)** ensinar a variedade escrita da língua; **a terceira**, segundo Travaglia (op.cit:20), é levar o aluno ao conhecimento da instituição social em que ele está inserido; e, **a quarta resposta**, propõe um objetivo que, sendo mais ligado a atividades metalinguísticas, ao ensino de teoria gramatical, não se aplica só ao ensino de língua materna, mas sim ensinar o aluno a pensar e a raciocinar.

#### 2.1. O objetivo do ensino de Língua Materna, segundo os PCN's

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (2000) apresentam propostas de trabalho para serem utilizadas pelo professor que valoriza e desenvolve a participação crítica dos alunos no processo de ensino/aprendizagem de sua língua materna mostrando as variedades de uma mesma língua ser falada, lida, escrita e compreendida, neste caso: a Língua Portuguesa.

O ensino da Língua Portuguesa tem como objetivo maior a formação de usuários competentes da língua materna e os PCN's (2000, p.28) tratam muito claramente essa questão da reflexão sobre a linguagem: *"a aula deve ser o espaço privilegiado de desenvolvimento de capacidade intelectual e linguística dos alunos, oferecendo-lhes condições de desenvolvimento de sua*

*competência discursiva.*” Acerca do objetivo do ensino de língua materna, os PCN's(1998, p.32) complementam que

o aluno amplie o domínio ativo do discurso, nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania.

Assim, os PCN's nos trazem informações importantes sobre o ensino de Língua Portuguesa, por meio de exemplos de competências e habilidades a serem desenvolvidas, para que se alcance o objetivo de termos um ensino de língua materna produtivo e eficaz no que lhe compete. Segundo esses Parâmetros, a língua portuguesa encontra em sua área “especificidades” que orientam um estudo articulado e dinâmico dos processos comunicativos. A fala e a escrita, assim como outras formas de comunicação, estão interligadas à cognição, ou seja, à compreensão, ao conhecimento, à percepção e à ação, e isso, são expressões de cultura. Todas essas formas de linguagem e expressão, “procuram tornar os significados comunicáveis”. Os PCN's (2000, p.24) orientam os docentes e futuros docentes a desenvolver em seus alunos a capacidade de

(...) confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes manifestações da linguagem verbal. Compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade. Aplicar as tecnologias de comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes da vida.

O papel da língua materna é possibilitar ao aluno a compreensão dos diversos discursos utilizados pelos falantes nas diferentes esferas da vida social. “É com a língua e pela língua que as formas sociais arbitrárias de visão e divisão de mundo são utilizadas como instrumento de conhecimento e comunicação” (Brasil, 2000, p.64).

Segundo os PCN's, para os docentes desenvolverem essas competências e habilidades, é necessário que se analise, interprete e aplique os recursos expressivos da linguagem, relacionando textos com seus contextos, mediante a sua natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo

com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação de ideias e escolhas, tecnologias disponíveis e etc.).

É sabido que a língua é heterogênea, composta de muitas possibilidades linguísticas, e que essas possibilidades são criadas por meio de situações complexas e discursivas. Dessa forma, os PCN's apresentam o texto como mais um instrumento para o ensino de língua materna, e esse instrumento é riquíssimo, pois apresenta a língua em suas mais variadas formas comunicativas.

Nas propostas descritas pelos PCN's, observam-se várias críticas à visão de alguns que ainda insistem em ensinar a língua materna apenas por meio da metalinguagem, usando os textos, muitas vezes, apenas como um pretexto, alguns que ainda insistem em praticar um ensino de língua descontextualizado em que apenas apresente as formas "corretas" de uso da língua. Mas, para o rompimento dessa barreira os PCN's apresentam um estudo de língua materna voltado à leitura e à produção de textos, para que assim, o aluno seja capaz de usar a língua de forma adequada e para que ele tenha a possibilidade de usar a língua do modo que conhece, e que esse modo gere uma inquietação para que o aluno reflita sobre o modo que utilizou a língua, e a partir dessa reflexão, possa fazer a escolha mais adequada.

Os PCN's (2000, p.65) afirmam: para que essas propostas sejam aplicadas é fundamental que o ensino de língua materna deixe de se centralizar nas regras e nomenclaturas gramaticais, para alicerçar-se na análise de textos, tendo como objetivo, a compreensão, a recepção e a produção de textos, assim nos voltarmos à questão: USO/REFLEXÃO/USO. Com relação à prática de análise linguística, os PCN's (2000, p.78-79) ressaltam

Quando se toma o texto como unidade de ensino, ainda que se considere a dimensão gramatical, não é possível adotar uma caracterização preestabelecida. Os textos submetem-se às regularidades linguísticas dos gêneros em que se organizam e às especificidades de suas condições de produção: isso aponta para a necessidade de alguns conteúdos e não de outros.

Os PCN's salientam que as atividades de língua portuguesa devem partir da escuta, da leitura e da escrita de textos, visando ao enriquecimento linguístico do aluno, e conseqüentemente, à sua competência discursiva. Cabe ao professor de língua materna, possibilitar ao aluno o desenvolvimento dessas competências e habilidades descritas nos PCN's, capacitando-o, a adquirir senso crítico sobre diferentes assuntos, dentre eles, a manifestação da linguagem verbal. É importante que o aluno use a Língua Portuguesa como instrumento indispensável na concepção de significados pertinentes ao seu ambiente escolar e fora dele e que esse mesmo instrumento seja utilizado para sua formação crítica.

Os PCN's orientam o professor de língua materna a tornar suas aulas de gramática mais estimulante para que o aluno sinta prazer em aprender sobre sua língua. Fazendo com que seus alunos se interessem pelo estudo da língua, o professor criará um ambiente facilitador para a formação e desenvolvimento de alunos críticos, que saibam defender suas ideias e que dominam a linguagem em todos os âmbitos.

Como se pode verificar nos PCN's, ele propõe o ensino de língua materna de maneira ampla, e não simplesmente, valorizando os aspectos ortográficos, as classificações e as nomenclaturas dadas aos termos linguísticos. Os PCN's apresentam o ensino de língua materna voltado à reflexão progressiva e o mediador para essa conquista é o professor, que deve planejar, realizar e conduzir suas aulas de maneira que o aluno se volte à necessidade da reflexão sobre a língua em todos os aspectos, despertando em seus alunos o anseio, por exemplo, de se questionarem, como devo dizer isso da maneira mais adequada, para quem estou dirigindo meu discurso, qual variante linguística utilizo para que meu discurso seja compreendido, entre muitos outros questionamentos.

## 2.2. Aula de português: Como é *versus* Como deve ser!

Antunes (2003, p.19) refere que a linguagem só funciona para que as pessoas possam interagir socialmente. Mas infelizmente, são poucos os que compreendem essa realidade e que realmente colocam isso em prática durante o ensino de língua portuguesa, tornando-o contextualizado, e obviamente, mais produtivo.

A autora retoma a fala de Possenti a respeito da desmotivação que há por parte dos alunos para aprender mais sobre a língua portuguesa, pois a maior parte deles acha que “não sabe português” e que “o português é muito difícil de aprender”. Conseqüentemente, isso gera o desinteresse do aluno pelas aulas de Língua Portuguesa, traumas ocasionados por um mero ensino de regras, totalmente descontextualizado, até por fim, gerar também a evasão escolar.

Porém, a autora ressalta que não é apenas por isso que ocorrem esses problemas, mas, também, por fatores externos à escola que acabam interferindo e refletindo no trabalho dos professores na sala de aula.

Antunes ressalta que essa ideia de termos um ensino contextualizado, coerente, produtivo já se tornou algo legitimado por meio de documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB).

Com relação aos PCN's, a autora (2003, p.23) ressalta que esse importante documento já tem dado legitimidade ao ensino contextualizado que tanto almejamos, pois ele apresenta dois eixos fundamentais para o ensino da língua portuguesa: o do **uso oral** e **escrito** da língua e o da **reflexão** acerca desse uso.

Da mesma forma, o SAEB tem avaliado competências e habilidades relacionadas à aprendizagem da língua e não mais tem sido aquela avaliação descontextualizada dos usos de nossos alunos ou aquele estudo meramente metalinguístico voltado a avaliar apenas as definições e classificações que nossos alunos “aprenderam” ou melhor, decoraram.

Após relacionar os percalços do ensino de Língua Portuguesa, Antunes propõe que viremos a página. Para isso, a autora (2003, p.33) salienta a importância de termos determinação, vontade e empenho para querer mudar. Antunes propõe questões fundamentais para que façamos um bom trabalho, tais como: O que é língua e linguagem? Para quê ensinamos? Com qual finalidade? Como ensinamos? E o que temos conseguido? Após refletirmos sobre essas questões, devemos pensar qual a melhor forma para que alcancemos o mesmo objetivo: “ampliar as competências comunicativo-interacionais dos alunos” (p.34).

Percebemos que o primeiro passo a darmos é refletirmos e discutirmos as questões citadas. Depois, devemos pôr em prática o que aprendemos e o que estudamos, ou seja, devemos nos tornar professores pesquisadores, investigadores da língua, capazes de buscar conhecimento em diversas fontes legitimadas e construir o conhecimento juntamente com nossos alunos.

Antunes sugere que saibamos discernir sobre as regras, ou seja, que saibamos como usar a língua nos mais variados gêneros de textos orais e escritos. Precisamos saber, por exemplo, quais regras aplicar quando vamos escrever determinado gênero específico. E nosso papel é justamente esse, fazer com que nossos alunos se apropriem desse conhecimento desenvolvendo competências e habilidades que os farão distinguir qual a maneira mais adequada de dizer/escrever determinado texto dentro de seu contexto.

A autora (2003, p.89) ressalta que a gramática da língua tem a finalidade de “estabelecer os padrões de uso, de funcionamento” dessa língua. Dessa forma, as línguas existem para serem faladas e escritas e as gramáticas existem para regulamentar essas falas e escritas:

Nenhuma regra gramatical tem importância por si mesma. Nenhuma regra gramatical tem garantida a sua validade incondicional. O valor de qualquer regra gramatical deriva da sua aplicabilidade, da sua funcionalidade na construção dos atos sociais da comunicação verbal, aqui e agora. Por isso, tais regras são flexíveis, são mutáveis, dependem de como as pessoas as consideram. Assim, essas regras vêm e vão. Alteram-se, cada vez que os falantes descobrem alguma razão, mesmo inconsciente, para isso.

Sendo assim, podemos dizer que a gramática só existe em função da compreensão e da produção de textos orais e escritos, ou seja, não devemos ensiná-la de forma descontextualizada. É necessário que levemos para a sala de aula uma gramática relevante, funcional, contextualizada e que verdadeiramente traga algum tipo de interesse para nossos alunos e que preveja mais de uma norma a ser estudada.

### **2.3. A gramática e o texto**

Antunes salienta que o “princípio de toda atividade linguística é necessariamente textual” (p.111) e que o uso da língua se dá apenas em textos e que esse deve ser o objeto de estudo nas aulas de Língua Portuguesa. Antunes (2003, p.109) faz referência ao que muitas vezes acontece nas aulas de língua portuguesa, usa-se o texto como um mero pretexto:

Pela observação de como atuam os professores, é possível constatar que as coisas funcionam (salvo honrosas exceções) mais ou menos assim: se o professor pretende ensinar sobre o “pronome”, por exemplo, começa por selecionar as definições e classificações dessa classe de palavras e, depois, escolhe um texto em que apareçam pronomes, *para nele* identificar suas várias ocorrências e classifica-las conforme a nomenclatura gramatical.

Ou seja, nesse caso, o texto serviu apenas para mostrar determinada classe gramatical e não se tornou o objeto principal de estudo da língua. Dessa forma, muitas vezes os professores acham que estão trabalhando a gramática de forma contextualizada quando, na verdade, estão apenas usando o precioso texto, como um mero pretexto para continuar ensinando apenas nomenclaturas e classificações relacionadas à gramática.

Visto que, o texto deve ser nosso principal objeto de estudo, é ele que vai condicionar quais temas gramaticais vamos trabalhar com nossos alunos e com quais objetivos. De modo geral, Antunes ressalta que as aulas de Língua Portuguesa, tanto para o Ensino Fundamental quanto para o Ensino Médio deveriam ser aulas de como:

- falar
- ouvir
- ler e
- escrever textos em Língua Portuguesa.

É importante ressaltar que esse estudo deve ocorrer de forma organizada e gradual, ou seja, devemos trabalhar habilidade por habilidade até que nossos alunos se apropriem de todas elas.

Para que os alunos desenvolvam essas habilidades relacionadas ao falar e ao ouvir, a autora (p. 112) sugere<sup>1</sup> algumas atividades, selecionamos apenas algumas, levando-se em consideração que esse estudo deve ser gradativo e com as intervenções necessárias do professor:

- contar histórias; inventando-as ou reproduzindo-as;
- relatar acontecimentos;
- debater, discutir, acerca dos temas mais variados;
- fazer e dar entrevistas;
- dar avisos;
- apresentar pessoas etc.

Para desenvolver habilidades de escrita o professor pode solicitar que os alunos produzam:

- listas (de materiais, de livros, de assuntos estudados, de eventos realizados, etc.);
- convites;
- cartas: uns aos outros, aos professores, às pessoas da escola, do bairro, da cidade, a um jornal, a alguém que veio à escola prestar algum serviço, a autoridades locais e nacionais, etc. (cartas que, eventualmente, até deveriam chegar, de fato, às mãos de seus destinatários);
- cartazes (com motivos diversos, inclusive motivos publicitários);

---

<sup>1</sup>Para mais sugestões, consultar a obra *Aula de Português: encontro & interação* na íntegra.

- poemas;
- e outros textos em uso no momento.

A leitura é uma excelente aliada ao estudo da gramática e também pode ser trabalhada de diversas formas, partindo das produções textuais de nossos alunos, e gradativamente ir chegando aos gêneros mais variados, como:

- histórias, com ou sem gravuras e em quadrinhos;
- fábulas;
- contos;
- crônicas;
- editoriais;
- comentários ou artigos de opinião;
- notícias de jornal;
- adivinhas;
- charadas;
- mapas, tabelas e gráficos;
- anúncios e mensagens publicitárias etc.

Como vimos, existem inúmeras possibilidades de ensinar gramática por meio dos textos, o principal é esquecermos a ideia de leitura e escrita vazias, com palavras ou frases soltas e inventadas que não dizem absolutamente nada! Dessa forma, certamente contribuiremos para um efetivo trabalho de ensino/aprendizagem no que tange à língua portuguesa, especificamente, à gramática.

O estudo da gramática deve ser incluído de forma natural durante o estudo da linguagem. Devemos estudá-la do jeito que ela aparece, em situações comunicativas comuns de interação verbal. Como já foi dito, não existe língua sem gramática e não existe gramática sem língua, logo, percebemos quão fundamental é que a estudemos de forma contextualizada. Dessa forma, não existe razão para que se priorize o estudo das classes gramaticais isoladamente, ou o estudo de nomenclaturas e suas classificações.

Sendo assim, a autora (2003, p. 121) nos orienta que não devemos parar o ensino da gramática nessas terminologias e classificações, mas, que estejamos dispostos a mudar nossa postura tradicionalista e passar a desenvolver um trabalho verdadeiramente contextualizado e competente, ou seja, que

o estudo do texto, da sua sequência e da sua organização sintático-semântica conduzirá forçosamente o professor a explorar categorias gramaticais, conforme cada texto em análise, sem perder de vista, no entanto, que não é a categoria em si que vale, mas a função que ela desempenha para os sentidos do texto. Ou seja, mesmo quando se está fazendo a análise linguística de categorias gramaticais o *objeto de estudo* é o *texto*.

Enfim, ao analisarmos os usos da língua entendemos melhor as funcionalidades da gramática, ou seja, é preciso que analisemos e pesquisemos o uso da linguagem, pois é por meio desse uso que conseguimos fazer com que o estudo da gramática seja contextualizado e passe a fazer sentido para nossos alunos.

#### **2.4. Gramática: (não) é para se estudar!**

Antunes (2007) discute a questão do ensino de gramática na escola com o propósito de que tenhamos “um olhar diferente” sobre a gramática, um olhar respaldado pela investigação das ciências da linguagem (p.15). Para isso, é necessário que estudemos um pouco mais a respeito da gramática. Como faremos a seguir...

Antunes inicia sua obra pontuando a gramática como “uma área de muitos conflitos” (p.19). Mas por que isso? Talvez, pelo fato de existirem inúmeros mitos sobre a língua. Dentre eles, a autora destaca o seguinte: “para a fala, leitura e escrita eficiente da língua, é necessário somente que se estude gramática (especificamente, as nomenclaturas gramaticais)”. E também podemos observar outro mito que é propagado por muitos que não conseguem encontrar o equilíbrio entre ambos, “não é para ensinar gramática”. Conforme foi dito, é necessário que haja moderação entre um e outro pensamento.

A autora destaca que a língua representa nossa identidade cultural, e garante a interação social entre os indivíduos (p.19), dessa forma, a língua é “um ato humano, social, político, histórico, ideológico” que gera repercussões na vida de todos os falantes (p.21). Logo, não podemos deixar de perceber que todos nós temos certo domínio sobre ela, ou seja, todos os falantes conhecem, mesmo que sejam apenas algumas de suas modalidades, mas é certo que a conhecemos.

Antunes (2007, p.22) ressalta que

a língua não pode ser vista tão simplesmente, como uma questão, apenas de certo e errado, ou como um conjunto de palavras que pertencem a determinada classe e que se juntam para formar frases, à volta de um sujeito e de um predicado.

A língua faz parte de nós, “é por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade”. A língua “mexe com valores”, “mobiliza crenças” e “institui e reforça poderes” (p.22).

A partir dessa nova visão sobre a língua, a autora propõe alguns pontos relevantes para a eficácia discursiva. Começando pela importância de se reprogramar a mente dos professores, dos pais e dos alunos com relação ao conceito de língua que conhecem, ou seja, é necessário que se deixe de lado a ideia de certo e errado e se passe a enxergar a língua viva, sujeita à mudanças, e não simplesmente destacando determinados “erros” (p.23).

Exemplo disso é a expressão: *Batatinha, quando nasce, **se esparrama** pelo chão*, que muitas vezes é tida como errada se a compararmos com a versão original: *Batatinha quando nasce, **espalha a rama** pelo chão*. Se mudarmos nossa visão podemos considerar que com o passar do tempo simplesmente houve certa mudança nessa expressão e não que há um erro.

A reprogramação da mente dos indivíduos envolvidos meio discursivo pode começar pelo fato de entendermos que “não existe língua sem gramática” e “nem existe gramática fora da língua”, como propõe a autora (p.26). Ninguém aprende primeiro a língua para depois aprender sua gramática, tudo está

interligado, mesmo que o falante não tenha consciência disso ele usa a gramática de sua língua inconscientemente.

Antunes explica esse fato do seguinte modo: se perguntarmos a uma criança de aproximadamente dois anos se ela quer falar com a avó ao telefone, ela irá responder: “quero”. A criança poderia ter dito “queremos”, “quis” ou “querem”, mas ela usou o verbo nas flexões de tempo e modo, pessoa e número adequadas para aquela situação comunicativa (p.26). A “gramática internalizada” faz parte do conjunto de saberes que desenvolvemos desde a infância. Toda língua em qualquer condição de uso é regulamentada por uma gramática.

Ouvimos muitos alunos dizerem que não gostam da língua portuguesa porque é muito difícil e complicada. Temos que esclarecer a eles que “não existe língua complicada para falantes nativos” (p.28).

Todo falante consegue se comunicar da forma que quer. Não podemos dizer que um aluno não consegue produzir textos porque não conhece a gramática, visto que, já confirmamos que todo falante conhece e faz uso da gramática de sua língua. Seria muito interessante se nós, professores, deixássemos de dizer que nossos alunos não sabem nada sobre gramática e passássemos a mostrar a eles por meio de exemplos práticos que eles já dominam ao menos uma modalidade da língua portuguesa. Talvez, esse seja o primeiro passo a ser dado por nós para que nossos alunos possam atribuir mais sentido às nossas aulas de língua portuguesa.

Antunes faz uma observação muito relevante quanto ao ensino de gramática na escola, a autora argumenta que é a escola que nos faz pensar que não sabemos usar a língua corretamente, que a gramática é muito complicada, e até mesmo que “não sabemos falar português” (p.28). Visto que, pessoas não alfabetizadas ou com pouco conhecimento da língua não se queixam de que ela é difícil ou que a “gramática é complicada” (p.28), infelizmente, esse conceito aprendemos na escola! Quando na verdade, o papel da escola deveria ser apenas o de ampliar o conhecimento do aluno a partir de tudo que ele já sabe.

Para que o ensino/aprendizado de gramática seja algo eficaz, é necessário que façamos nossos alunos perceberem que eles têm esse domínio sobre a língua, então basta apenas que ele seja aprimorado, ou seja, é preciso que se amplie o conhecimento que se tem a respeito da língua e de suas variantes.

## **CAPÍTULO III**

### **UM ENSAIO PARA O ESTUDO DE LÍNGUA PORTUGUESA, NO ENSINO MÉDIO**

#### **3.0. Introdução**

Considerando-se as propostas dos estudos para o ensino de gramática na escola a análise desta pesquisa desdobrou-se em torno dos seguintes objetivos: descrever a metodologia utilizada pelo professor de Língua Portuguesa ao ensinar gramática a seus alunos, diagnosticar se esse ensino é produtivo ou não, e apontar a maior dificuldade que o professor de LP encontra para ensinar gramática na escola. Analisou-se também o conceito de gramática que os alunos entrevistados têm a respeito da gramática, e qual a relevância de se aprender gramática para aplicá-la fora do contexto escolar.

Para a coleta dos dados selecionamos uma unidade escolar da Rede Estadual Pública de São Paulo que oferece as séries específicas propostas para estudo nesta pesquisa: os 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. Feito isso, mantivemos contato com a direção da escola, e com alguns professores de Língua Portuguesa que atuam no Ensino Médio, comunicando-lhes a respeito da pesquisa. Os professores prontamente atenderam nosso pedido e receberam o questionário para responder e nos entregar posteriormente. Os professores se prontificaram também a entregar os questionários destinados aos alunos para suas respectivas turmas. Sendo assim, os materiais recolhidos para esta análise foram quatro questionários respondidos pelos professores e setenta e dois questionários respondidos pelos alunos. Vejamos as respostas obtidas:

#### **3.1. A visão do professor sobre o ensino de gramática**

Nesta parte da pesquisa, procuramos descobrir se os professores de Língua Portuguesa entrevistados compreendem qual o maior objetivo de suas aulas, de que maneira o ensino de gramática poderá contribuir para que eles alcancem tal objetivo, qual a melhor forma de trabalhar a Gramática Normativa no Ensino Médio e quais exercícios ele costuma aplicar aos alunos para ensiná-la.

Nossa intenção não foi analisar quantitativamente os dados coletados, sendo assim, recolhemos uma pequena amostragem de informações, sendo apenas quatro questionários respondidos por professores que atuam na Rede Pública Estadual de São Paulo, especificamente, com as 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, que poderão dar o norte que precisamos para compreendermos o modo como a Gramática Normativa é trabalhada no Ensino Médio.

Na primeira questão, solicitamos apenas que os professores indicassem há quanto tempo atuam como docente para que houvesse um comparativo entre as repostas dos docentes que se formaram há um bom tempo e docentes recém-formados. Sendo assim, o que podemos perceber é que a maioria já possui ampla experiência na área em que atuam e a maioria de suas respostas coincidem com as de outro professor que está ingressando nesta carreira há pouco tempo, como veremos a seguir.

Na segunda questão, questionamos a respeito do principal objetivo das aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio, vejamos as respostas:

[...] preparar o aluno para o vestibular, já que a disciplina tem muita relevância nesse processo e preparar o aluno para ser um bom defensor de seus pontos de vista. (Professor A)

Aprimorar as competências leitoras e escritoras dos educandos a fim de prepará-los para o mercado de trabalho. (Professor B)

Que o aprendiz desenvolva sua competência leitora e escritora e que esteja apto a se tornar um cidadão crítico na sociedade. (Professor C)

Desenvolver a capacidade de falar e escrever com fluência, além de ensiná-los a reconhecer as estruturas mais de acordo com o padrão culto exigido pela comunidade e a analisar principalmente, os níveis morfológicos e sintáticos da língua. (Professor D)

Na resposta do professor A, observamos a preocupação que ele tem em preparar seus alunos para o vestibular, preocupação tal, que deve vir depois da importância de torná-los bons defensores de seus pontos de vista. A partir do momento em que nossos alunos souberem usar os recursos linguísticos de forma adequada, conseqüentemente saberão também defender seus pontos de vista e conjuntamente se obterão ótimos resultados nos vestibulares.

Percebemos que as respostas dos professores B e C estão inter-relacionadas e se complementam. Observamos que as duas respostas fazem alusão ao objetivo do ensino de língua materna descrito nos PCN's, ou seja, desenvolver as competências leitora e escritora de nossos alunos. Vale ressaltar que todo esse desenvolvimento e aperfeiçoamento das competências de ler e escrever de nossos alunos deve estar relacionado ao fato de que o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa, especificamente da gramática, tem o intuito de fazer com que o aluno exerça a cidadania de forma plena tornando-se um cidadão crítico, que tenha êxito em sua vida profissional, estando pronto para o mercado de trabalho e que tenha a oportunidade de dar continuidade aos seus estudos, destacando-se nos vestibulares os quais participar (BRASIL, 2000, p. 17).

Uma resposta que nos chamou muito a atenção foi a do professor D, pois nos parece que ele ainda tem como orientação o ensino de gramática voltado a aprendizagem de estruturas morfológicas e sintáticas e ao estudo apenas de nomenclaturas, visto que, nada disso importa se nosso aluno não souber a aplicabilidade de cada um desses termos. Observamos na resposta desse professor que infelizmente ainda tem se insistido com o ensino tradicionalista da língua, já vimos que esse método de ensino não funciona então cabe a nós buscarmos métodos inovadores, como os que já citamos, para termos resultados positivos quanto ao nosso papel de ensinar.

Podemos perceber que ainda há muita contrariedade em relação à visão que os professores têm a respeito do objetivo do ensino de Língua Portuguesa. É importante ressaltar que é nosso dever, enquanto educadores, tornar nosso aluno “um poliglota em sua própria língua”, ou seja, o ensino de LP vai muito além de prepará-los para o vestibular e para o mercado de trabalho, ensiná-los a falar e a escrever de maneira culta e padronizada ou ensiná-los a identificar e analisar estruturas morfológicas e sintáticas.

Na questão três, questionamos de que forma o ensino de gramática pode contribuir para que se alcancem tais objetivos, e as respostas foram as seguintes:

É uma gramática associada ao entendimento de texto, fazendo com que o aluno veja a relação dela (gramática) com seu cotidiano, principalmente quando ele se insere no mercado de trabalho. (Professor A)

Desenvolvendo confiança para usar a língua materna de forma mais plena. (Professor B)

Acredito que por meio do conhecimento da norma padrão da língua o aluno consiga se posicionar melhor diante de certas situações, principalmente, fora da sala de aula. (Professor C)

O objetivo é o aperfeiçoamento da comunicação oral e escrita, ou seja, o ensino da gramática passa a ser um instrumento de construção de um texto coerente, através do acesso ao processo de estruturação da língua e do conhecimento de seus mecanismos de funcionamento. (Professor D)

Como essa questão está relacionada à primeira, observamos que o posicionamento dos professores continuam praticamente os mesmos. Podemos observar apenas alguns adendos. Vejamos, com relação ao professor A, ele destaca a importância de que o estudo da gramática faça sentido para o aluno, ou seja, que esse estudo esteja diretamente ligado ao seu cotidiano. Isso é muito importante, pois observamos que ele se preocupa para que a gramática estudada na escola tenha uma aplicação prática, principalmente na vida profissional do aluno.

Na resposta dos professores B e C, observamos que eles também reconhecem a importância do estudo da gramática para a prática diária de seus alunos. E, mais uma vez, observamos a relação que o professor D faz entre o ensino/aprendizagem da gramática e a importância de conhecer a estrutura da língua, ele cita também o desenvolvimento da comunicação oral e escrita para a produção de textos. Mas que relação há entre simplesmente conhecer a estrutura da língua e utilizá-la de forma adequada? Aí está o motivo de nossa reflexão constante à respeito de como e para quê devemos ensinar gramática!

Na questão quatro, perguntamos qual seria a melhor maneira de ensinar a gramática normativa no Ensino Médio. De modo geral, todos os professores responderam que ela deve ser trabalhada na sala de aula de forma contextualizada e por meio de textos de diferentes gêneros. Percebemos então

que todos reconhecem que o ensino tradicionalista da gramática não mais funciona, porém alguns ainda têm dificuldades para colocar isso em prática.

Cabe destacar uma resposta, veja:

A melhor maneira de aprender gramática não é estudando regras, mas sim trabalhando com textos; quer sejam orais, quer sejam escritos. Que vão ajuda-los a compreender a estrutura de nosso idioma e mostrando o porquê de aprender determinadas nomenclaturas, isto é para que elas servem. (Professor D)

Observamos que o professor acaba confundindo e misturando um pouco os termos, pois achamos que ele havia compreendido a importância de um estudo contextualizado, quando de repente ele volta a mencionar que os alunos devem compreender a estrutura da língua e saber suas nomenclaturas. Talvez, isso seja apenas uma questão de reorganização de pensamento, pois logo em seguida, ele complementa falando a respeito da utilidade dessas nomenclaturas.

A última questão está relacionada à anterior, ou seja, foi solicitado que os professores exemplificassem os exercícios que costumam trabalhar na sala de aula para estudar a gramática. Veja as respostas a seguir:

Normalmente, exercícios extraídos do vestibular, pois são mais significativos e dão maior credibilidade. (Professor A)

Por meio de exercícios contextualizados a partir de textos variados, conceituando e fazendo reconhecimento e prática do uso da língua de acordo com a norma padrão. (Professor B)

Exercícios que façam parte do cotidiano do aluno, por exemplo: peço que eles escrevam algo como se estivessem teclando numa rede social, depois peço que transcrevam para a norma padrão da língua portuguesa. Durante esse processo vou fazendo as intervenções necessárias. (Professor C)

Textos de diferentes tipos e gêneros: letras de músicas, poesias e outras artes, histórias, notícias, reportagens, relato, textos expositivos, textos argumentativos, debates, charge, quadrinhos, jogos... para chamar a atenção do aluno para alguns aspectos gramaticais, referentes sobretudo à ortografia, concordância, diferenças entre parônimos, uso de certas palavras ou expressões para atingir a capacidade crítica, construtiva e participativa. (Professor D)

Enfim, percebemos que a maioria trabalha com gêneros textuais e exercícios significativos. Não podemos nos esquecer da importância de trabalhar algo que faça parte da realidade do aluno, aproveitando todo o conhecimento prévio que ele já tem, para depois apresentarmos o novo, orientando-os para que pesquisem, investiguem, busquem, construam o conhecimento, sendo assim, o ensino de gramática se tornará algo prazeroso além de todos os benefícios que citamos que o conhecimento pleno da nossa língua nos traz.

O mais importante é que nossos alunos conheçam e saibam usar adequadamente todos os recursos que a língua oferece de modo que consigam alcançar todos os objetivos expostos acima além de, principalmente, usar seu conhecimento a respeito da língua para se tornar um cidadão determinante na sociedade em que vive.

Como vimos em Possenti (2004), é mais fácil o aluno se interessar pelo ensino de gramática quando esse ensino acontece de forma natural, sem que o professor o recrimine por escrever ou dizer certas coisas supostamente “erradas”.

Talvez, essa seja a maior barreira que o professor encontra no ensino de gramática: seus alunos estão acostumados com o ensino prescritivo e que realmente é difícil, já que a maioria de seus professores utilizaram métodos tradicionais no ensino da língua. Isso faz com que os alunos tenham muita dificuldade em compreender um sentido lógico para o ensino da língua portuguesa, uma vez que, seu ensino esteja baseado apenas em regras descontextualizadas.

Diante dessas respostas inferimos que muitas são as dificuldades enfrentadas pelo professor para garantir ao aluno a possibilidade de conhecer mais uma variante linguística que certamente lhe trará inúmeros benefícios. Cabe ao professor enfrentar essas dificuldades cumprindo seu papel de educador competente e buscando utilizar os benefícios que esse novo ensino de gramática voltado aos usos reais dos alunos poderá proporcionar ao ensino/aprendizagem da gramática.

### **3.2. A visão dos alunos sobre o ensino de gramática**

Nesta parte da pesquisa, nos fixaremos a analisar qual o conceito de gramática que os alunos entrevistados conhecem, se eles se interessam pelo estudo da gramática, se se preocupam em aprender gramática, qual benefício acham que a gramática poderá proporcionar-lhes, o que acham da forma que seus professores de LP conduzem as aulas, principalmente ao abordar temas relacionados à gramática, e para finalizar, foi solicitado que eles descrevessem algo que aprenderam nas aulas de língua portuguesa que os ajudou em situações e conflitos fora do contexto escolar.

Na primeira questão, fizemos uma pergunta fundamental: o que é gramática? Foi orientado para que eles respondessem essa questão sem o auxílio de qualquer outro recurso além do seu próprio conhecimento, ou seja, eles não poderiam consultar dicionários, a internet, um professor, ou qualquer outro meio.

Não tivemos a intenção de obter conceitos demasiadamente teóricos, mas procuramos saber apenas o verdadeiro conhecimento que os alunos possuem a respeito do conceito de gramática. Nosso objetivo foi extrair do aluno, indivíduo central do processo de ensino/aprendizagem, o maior número de informações possíveis que possa nos ajudar a compreender de onde vem o (des) interesse dos alunos pela gramática já que ela é ferramenta fundamental para a comunicação eficiente de qualquer indivíduo.

Notamos que quarenta dos setenta e dois alunos entrevistados responderam que “gramática é o conjunto de regras da Língua Portuguesa”. E como vimos nos capítulos anteriores, essa definição pode estar correta, desde que, observemos o seguinte: gramática pode ser o conjunto de regras padronizado pela norma culta, e pode ser também o conjunto de regras adquirido por meio da gramática internalizada (Possenti, 2004).

Observemos as respostas abaixo:

Regras que constituem a forma “padrão” da língua.

A gramática é uma ferramenta utilizada para padronizar a forma escrita, um meio para auxiliar as pessoas na hora de escrever [...].

É aquela parte chata que fala das regras.

É tudo o que envolve as “regras da Língua Portuguesa”. Tem a função de auxiliar-nos, para que possamos falar ou escrever corretamente.

O que fez com que nossos alunos pensassem que a gramática representa apenas as regras que nos fazem escrever e falar corretamente? Ou que a gramática é algo “chato” e muitas vezes incompreensível? São esses apontamentos que nos fazem perceber a importância de inculcar em nossos alunos que a gramática não é nenhum “bicho de sete cabeças”, mas que ela é uma ferramenta que nos auxilia em nossa comunicação tanto em nosso dia-a-dia, como em situações específicas que nos exijam um conhecimento padrão da nossa língua.

Continuando, infelizmente, podemos perceber que muitos alunos responderam que a gramática está diretamente relacionada à forma de “falar e escrever bem” ou “falar e escrever corretamente”. Conceito esse, que está inserido no ensino prioritário e exclusivo da gramática normativa.

Observemos as seguintes respostas:

Gramática é uma forma de expressão que a língua portuguesa te oferece a escrever e a falar de forma correta sendo ela um conjunto de regras e normas.

Gramática é todo o conjunto de regras e normas que faz com que a escrita seja feita de maneira correta.

No meu conhecimento: a gramática é um conjunto de regras individual usada para um determinado uso de linguagem ou língua, é uma forma de estudar todas as línguas corretamente e de pôr as palavras certas nos lugares certos e no tempo certo.

Notamos que a maioria dos alunos entrevistados automaticamente associou a gramática às regras da norma culta. Abaixo veremos o quanto esse conceito limitado e engessado da gramática é prejudicial para o ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa.

Outro ponto que vale a pena ressaltarmos é que muitos alunos associaram a gramática à nomenclatura dos termos gramaticais, tais como: adjetivos, pronomes, verbos, e outros. Com isso, percebemos que a gramática que continua sendo valorizada em detrimento das demais é a gramática normativa.

Outra resposta que nos chamou muito atenção foi a seguinte:

A gramática tem a finalidade de regular o uso da língua através da escrita e da fala.

Nessa resposta, percebemos que o aluno tem consciência que essas regras gramaticais têm o principal objetivo de “regular” ou padronizar o uso da língua, nesse caso, a Língua Portuguesa, por meio de uma escrita padronizada acompanhada da fala igualmente modulada.

Poucos alunos responderam que a gramática é um recurso que os indivíduos utilizam para se expressar corretamente. Dentre as respostas desses alunos que relacionaram a gramática à forma de expressar-se melhor, destaca-se a seguinte:

Gramática é o estudo que te ajuda a interpretar e ajuda a aprimorar sua comunicação.

Como vimos, em Antunes (2003), a gramática constitui ferramenta primordial para a comunicação. É muito bom vermos que alguns alunos conseguem reconhecer a importância da gramática no contexto sócio comunicativo.

Alguns dos alunos entrevistados fizeram certa ligação entre a gramática e o texto. Vejamos algumas dessas respostas:

Gramática é o estudo que nos ajuda a melhorar o modo que nos relacionamos, nos impomos. Ajuda, também, a compreender melhor os textos que temos.

A gramática seria algo que ajuda a desenvolver uma boa escrita, uma linguagem exemplar. Para o dia a dia. Gramática para quem sabe ajuda o estudante a um entendimento de um texto, ler um livro e saber escrever o que entendeu. Em suas conjugações exemplar para um texto cheio de regras para uma ótima formação de escrita para um texto de gramática.<sup>2</sup>

Gramática é o conjunto de informações que ajudam na interpretação de textos e na escrita juntamente com a forma de fala.

É interessante ressaltarmos que, embora, nem todos os alunos compreendam realmente o que é gramática, alguns conseguem fazer essa relação entre a gramática e o texto. Talvez, isso seja resultado de atividades de gramática aplicadas pelo professor por meio de textos, cumprindo assim, uma das propostas do ensino de gramática na escola descrito nos PCN, em Travaglia (2003), Antunes (2003), Neves (2003) e Possenti (1996).

Na questão dois, perguntamos se eles gostam de estudar gramática, pedimos também que justificassem suas respostas. Dos setenta e dois alunos entrevistados, vinte e sete responderam não gostar de estudar gramática. As justificativas mais utilizadas pelos alunos foram as seguintes: “é muito complicado;” “tem muitas regras;” e “é muito chato”.

Dentre as respostas fornecidas pelos alunos, as que nos chamou muito a atenção foram aquelas que relacionavam o estudo de gramática às muitas regras e atividades da língua portuguesa que eles haviam de decorar.

Notamos que, o fato, dos alunos justificarem a falta de motivação para aprender gramática por conta de conter muitas regras, conseqüentemente os remetem ao fato de terem que decorar todas essas regras, e muitos questionam: por que aprender/decorar as regras gramaticais, se não terão utilidade alguma quando eu sair da escola?

---

<sup>2</sup> Conservamos a escrita original dos alunos.

É por isso, que novamente confirmamos a ideia de que o professor deve incluir o ensino de gramática nas atividades realizadas pelo aluno fora do contexto escolar também. Deixando de lado o ensino de nomenclaturas e classificações de palavras e orações, e apresentando um ensino de gramática diretamente ligado às realidades do aluno.

Quatro dos setenta e dois alunos entrevistados demonstraram indiferença quanto ao estudo de gramática. Um alegou que apesar de ter interesse no assunto, a gramática não é uma de suas matérias preferidas. Outros dois alunos disseram que gostam de estudar gramática “em partes”, pois reconhecem a necessidade desse conhecimento para empregar as palavras mais adequadas em seu vocabulário, no entanto, afirmam que por muitas vezes, o ensino/aprendizagem de gramática torna-se cansativo e entediante. O restante dos alunos respondeu simplesmente que gostam de estudar gramática.

Dos trinta e nove alunos que responderam essa questão de forma positiva, observamos que alguns alegaram que a gramática os ajuda para “falar e escrever corretamente.” Isso reforça o que retratamos há pouco, que muitos alunos aprenderam que a gramática é a única forma correta de falar e escrever, subentendendo-se que as outras variantes da Língua Portuguesa são formas erradas de usar a língua. Dentre esses alunos que justificaram o gosto pelo estudo da gramática por conta da importância de falar e escrever “corretamente”, poucos fizeram ligação entre a gramática e o texto, alegando que ela é um instrumento para que aprendam a interpretar os textos.

É muito importante mencionarmos também que alguns dos alunos entrevistados fizeram forte ligação entre a gramática e as normas estabelecidas por ela para um bom uso da língua, porém, esses alunos não justificaram suas respostas de forma que pudéssemos analisar o motivo, pelo qual, eles se interessam em aprender gramática.

Infelizmente, pouquíssimos alunos, apenas sete, responderam gostar do estudo de gramática porque ele aprimora sua comunicação e seu conhecimento, beneficiando-os em suas carreiras profissionais, ou seja, esses

alunos reconhecem a importância da gramática normativa para adquirirem ascensão social e desfrutarem dos inúmeros benefícios que o bom domínio da Língua Portuguesa pode proporcionar-lhes.

Na questão três, perguntamos qual a preocupação que os alunos tinham ao aprender gramática, e, qual/quais benefícios eles achavam que poderiam obter com esse aprendizado. Dos setenta e dois alunos entrevistados, a maioria disse que se preocupa em aprender o uso correto da língua e acredita que isso fará com que se expressem de forma adequada, além daqueles que pontuaram a importância de aprender gramática para ingressar no mercado de trabalho e conseguir um bom emprego.

A resposta a seguir nos remete, quase que instantaneamente, à ideia de exercícios de gramática voltados apenas ao preenchimento de lacunas com as palavras e acentos ortográficos corretos. É lamentável observarmos que nos dias atuais ainda existem alunos com esse conceito a respeito da gramática.

Com o modo certo de escrevermos, ler e acentuarmos as letras, com esse aprendizado iremos nos aperfeiçoar ao preencheremos algo.

Outra resposta intrigante foi a seguinte:

Hoje o português correto está ficando meio que de lado, com a era digital está tudo ficando abreviado. E logicamente é importante, sem isso, a pessoa parece um leigo na qual não vale a pena se trocar 2 minutos de conversa.

É interessante observarmos que um aluno que está inserido na *Era Digital* afirma que o “português correto” está sendo deixado de lado. Não podemos deixar de mencionar a forma um tanto preconceituosa que esse aluno se refere quanto a fala das pessoas que não dominam a norma culta da língua portuguesa: “a pessoa parece um leigo na qual não vale a pena se trocar 2 minutos de conversa.” No entanto, o que podemos notar é que esse mesmo aluno que faz uma crítica ríspida como essa às pessoas que dominam a norma padrão utiliza-se de várias inadequações linguísticas de acordo com a norma culta.

Veja abaixo outras respostas que nos chamaram muito a atenção:

Na sociedade atual, não são todos que “dominam a Língua Portuguesa completamente”, logo pessoas com uma boa gramática, são mais bem aceitas em determinados locais (principalmente no mercado de trabalho).

Saberei como me comportar com algumas pessoas e enriquecer meu vocabulário. E ajuda em uma entrevista de emprego ou na área de trabalho.

É importante aprender, para utilizá-la em ambientes formais e até em provas, concursos públicos onde o uso de uma linguagem popular seria prejudicial.

Eu preciso aprender porque é quase como uma obrigação conhecer meu próprio idioma, um dos benefícios é obter um maior conhecimento e não passar vergonha na hora de escrever.

A minha preocupação é na hora do Enem, na hora de uma redação de uma entrevista por escrito. O benefício é aperfeiçoar meu modo de escrever.

Alguns dos alunos entrevistados relacionaram a preocupação em aprender gramática ao fato de almejarem uma carreira profissional de sucesso e terem um bom desempenho nas entrevistas de emprego, e como benefício adquirido pelo estudo da gramática, eles citam a conquista desse emprego tão desejado. Novamente, isso nos mostra que muitos alunos reconhecem que a gramática é ferramenta importante para adquirem ascensão social.

Muitos alunos relacionaram a aprendizagem da gramática com a necessidade de se obter bons resultados em concursos públicos e em vestibulares. Finalizando a análise desta questão, quatro alunos não ter preocupação nenhuma em aprender gramática e não acham que terão benefício algum com esse aprendizado.

Na questão quatro, perguntamos a respeito do modo que os professores conduzem as aulas de gramática. De forma geral, a maioria dos alunos disse que seus professores conduzem as aulas de gramática de maneira ótimo ou boa, responderam também, que o conteúdo de gramática, geralmente, é bem explicado, atrativo e produtivo, e que seus professores costumam esclarecer todas as suas dúvidas.

Poucos alunos responderam que não gostam da forma que seus professores conduzem as aulas de gramática. Vejamos as respostas de dois deles: “É muito teórica não tem uma aula de aprendizagem animada para *interte* os alunos. Isso é o que eu penso, mas os professores tem o conhecimento.” O outro respondeu o seguinte: “Ele conduz de maneira entediante, fazendo os alunos perder a motivação em aprender”.

Como vimos no capítulo anterior, o professor deve tornar o ensino/aprendizagem da gramática algo instigante, motivador e produtivo. Fazendo isso ele conseguirá atingir o objetivo de tornar seus alunos “políglotas” em sua própria língua (Bechara, 2002). O professor deve contextualizar o ensino da gramática normativa ao dia a dia do aluno, despertando o interesse nos aprendizes pelo seu estudo.

Na quinta, e última, questão aplicada aos alunos, solicitamos que eles citassem algo que aprenderam nas aulas de gramática que lhes ajudaram em alguma situação fora do contexto escolar. Poucos alunos disseram não ter usado a gramática em momento algum fora da escola. A maioria respondeu que o conteúdo aprendido nas aulas de gramática lhes foi muito útil no dia a dia, principalmente na comunicação com outras pessoas e em entrevistas e reuniões de emprego, situações que, exigem o uso da norma padrão.

Vejamos algumas das respostas que os alunos nos deram:

Me ajudou bastante na minha forma de conduzir as palavras e ter um bom diálogo com as pessoas, e saber por em ordem o que vou falar.

Bom, há uns dias, compareci em uma entrevista de emprego, e fui elogiada pelo modo como me comunicava, e graças a gramática, aprendi a me expressar melhor.

Entrevista de emprego, reunião ou mesmo na rua, um bom vocabulário ajuda muito no dia a dia. A pessoa sem a gramática não é nada em comum não consegue resolver as dificuldades de 70% do mundo que hoje vivemos.

Enfim, essas e outras respostas nos mostram quão grande é a preocupação dos alunos com sua vida profissional, e o melhor, eles reconhecem que a gramática é elemento fundamental para seu bom desempenho sócio

comunicativo. O que vale agora é o professor repensar sua forma de ensinar gramática para que os alunos possam desenvolver as habilidades e competências descritas nos PCN. Vemos que o professor já tem as ferramentas necessárias para cumprir seu papel de tornar seus alunos “políglotas” em sua própria língua por meio da gramática normativa, e até mesmo, por meio da gramática descritiva, já que a internalizada já faz parte de cada indivíduo.

### **3.3. Análise dos resultados**

Acreditamos que essa análise foi de grande valor para docentes e futuros docentes que ingressarão nas salas de aula com uma visão mais ampla dos pontos culminantes do ensino/aprendizagem de gramática.

Pontuamos a importância desta pesquisa para que docentes e futuros docentes repensem seu modo de ensinar gramática, pois, como vimos no decorrer do trabalho, ainda existem professores centrados no ensino tradicional da gramática, talvez, pela praticidade e pelo comodismo, como nos mostrou Antunes, ou até mesmo, por desconhecerem os métodos atualizados propostos pelos PCN's e por inúmeras obras de professores/pesquisadores da língua que têm se dedicado para descobrir as inquietações que o ensino de gramática nos traz.

Muitos ainda acreditam que a maneira como ensinavam há décadas ainda surte o mesmo efeito nos alunos, porém sabemos que nossa sociedade passa por muitas mudanças ao longo dos anos e nossa língua, como já dissemos, não é um elemento estanque, engessado, por isso seu ensino deve acompanhar as mudanças que nossa sociedade está passando.

O que percebemos com essa pesquisa foi que seria muito mais interessante se todos os professores de Língua Portuguesa tivessem a preocupação de descobrir como tem sido suas aulas a respeito de gramática e se elas realmente têm produzido bons frutos. Diante dessa autoanálise o professor pode buscar as mudanças necessárias para deixar suas aulas dinâmicas e principalmente, mais produtivas.

Com essa pesquisa, observamos nas respostas dos professores e dos alunos que o ensino de gramática apesar de estar bem mais distanciado daquele ensino somente voltado a decorar regras, nomenclaturas e classificações, ainda necessita de mudanças. Essas mudanças devem começar na postura dos docentes e futuros docentes quanto à aplicação de suas aulas.

O professor deve criar um ambiente favorável para que o aluno descubra porque deve aprender gramática, mas primeiro o professor deve compreender porque ele ensina gramática. Para isso, têm-se os PCN's que nos orientam quanto às competências e habilidades a serem desenvolvidas no ensino de Língua Portuguesa, têm-se as pesquisas de autores como: Possenti, Bechara, Antunes, Neves, entre outros, tem-se também o principal material para um ensino de gramática valioso e produtivo, o conhecimento que todo aluno já carrega em si. Basta que nós, professores, queiramos ser participantes dessas mudanças e que os alunos se deixem percorrer esse caminho rumo a um verdadeiro ensino de gramática.

Enfim, para que realmente tenhamos um porquê para ensinar e aprender gramática, docentes e futuros docentes necessitam com urgência de gramática em suas aulas de Língua Portuguesa, mas não uma gramática qualquer, a gramática deve ser estudada em sua mais pura essência, ou seja, a gramática em uso.

## CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi analisar a visão que nossos alunos do Ensino Médio têm a respeito do estudo da gramática. Para isso, levantamos vários questionamentos que inquietam alunos e professores, como: Por que devo aprender/ensinar gramática na escola? Qual o objetivo de ensinar/aprender gramática? É para estudar gramática ou não? Para isso, analisou-se uma ampla bibliografia no campo do ensino de gramática que pudesse amparar este estudo de maneira teórica e consistente.

Primeiro, analisamos o conceito de gramática defendido por renomados autores. Possenti (1996) foi quem nos inquietou para buscar uma resposta a essas perguntas tão intrigantes. O estudo de Possenti a respeito do ensino de gramática nos apresentou a gramática de forma ampla e plenamente compreensível. Possenti aposta na ideia da inversão da ordem durante o ensino de gramática, partindo da gramática internalizada, que todo falante já possui, passando pela gramática descritiva – que apresenta as variantes linguísticas – até que, chegue-se à gramática normativa, que é composta pelas regras de bom uso da língua, porém essa não deve ser privilegiada em detrimento das outras.

Analisamos também as observações e críticas propostas por Antunes (2003) que foram extremamente relevantes para que compreendêssemos o modo como o ensino de gramática costuma ser direcionado nas escolas. A pesquisa de Neves (2003), também foi imprescindível para que comprovássemos o declínio do ensino de gramática nas escolas. O atraso que a maioria das escolas ainda vive, com relação ao ensino de língua materna.

Foi necessário, também, coletar alguns dados diretamente dos envolvidos na questão mencionada. Para isso, entrevistamos alunos e professores, a fim de descobrirmos parte da realidade do ensino de gramática nas escolas. Realidade que nos apresentasse ao menos algumas respostas para as seguintes indagações: Verdadeiramente esse ensino tem se voltado apenas às questões metalinguísticas? Os professores conseguem observar as dificuldades de seus alunos na aprendizagem da gramática? Quais as

providências que os professores estão tomando diante desse fato? Entre muitas outras.

Acreditamos que essa análise foi de grande valor para docentes e futuros docentes que ingressarão nas salas de aula com uma visão mais ampla dos pontos culminantes do ensino/aprendizagem de gramática.

Entendemos que seja útil aos docentes e futuros docentes repensar seu modo de ensinar gramática, pois, como vimos durante a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, ainda existem professores centrados no ensino tradicional da gramática, talvez, pela praticidade e pelo comodismo, como nos mostrou Antunes, ou até mesmo, por desconhecerem os métodos atualizados propostos pelos PCN's e por inúmeras obras de professores/pesquisadores que têm se dedicado para descobrir as inquietações que o ensino de gramática nos apresenta.

O que percebemos com esta pesquisa foi o seguinte, seria muito interessante se todos os professores de Língua Portuguesa tivessem a preocupação de descobrir como tem sido suas aulas de gramática e se elas realmente têm produzido bons frutos. Diante dessa autoanálise o professor pode buscar as mudanças necessárias para deixar suas aulas dinâmicas e principalmente, mais produtivas.

Com esta pesquisa, observamos nas respostas dos professores e dos alunos que o ensino de gramática apesar de estar bem mais distanciado daquele ensino somente voltado a decorar regras, nomenclaturas e classificações, ainda necessita de mudanças. Essas mudanças devem começar na postura dos docentes e futuros docentes quanto à ministração de suas aulas.

O professor deve criar um ambiente favorável para que o aluno descubra porque deve aprender gramática, mas primeiro o professor deve compreender porque ele ensina gramática. Para isso, têm-se os PCN's que nos orientam quanto às competências e habilidades a serem desenvolvidas no ensino de Língua Portuguesa, têm-se as pesquisas de autores como: Possenti, Bechara, Antunes, Neves, entre outros, tem-se também o principal material para um

ensino de gramática valioso e produtivo, o conhecimento que todo aluno já carrega em si, o conhecimento prévio. Basta que os professores queiram ser participantes dessas mudanças e que os alunos se deixem percorrer esse caminho rumo a um verdadeiro ensino de gramática.

Embasamos o objetivo do ensino de língua materna às propostas descritas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), que orienta o professor a desenvolver o senso crítico em seus alunos e apresentando a eles as diferentes possibilidades da mesma língua ser falada, lida, escrita e compreendida. Os PCN's orientam também que o papel do ensino da língua materna é possibilitar ao aluno a compreensão dos diversos discursos utilizados pelos falantes nas diferentes esferas da vida social.

Os PCN's apresentam um estudo de língua voltado à leitura e à produção de textos, um estudo que tenha por objetivo, a compreensão, a recepção e a produção de textos, ou seja, voltando-se à questão: uso-reflexão-uso. O professor de língua materna deve planejar, realizar e conduzir suas aulas de maneira que o aluno se volte à necessidade da reflexão sobre a língua.

É importante ressaltar que as conclusões que chegamos, por meio da pesquisa de campo, quanto ao ensino de gramática nas escolas pode não apresentar resultados tão exatos, devido à dimensão da pesquisa. Sendo assim, estas conclusões servem apenas para reflexão do docente e futuro docente para despertar a inquietação de descobrir se suas aulas estão sendo produtivas, se os seus alunos compreendem por que devem aprender gramática e qual o melhor método a ser utilizado para o aperfeiçoamento desse ensino.

Com base nesta pesquisa, não podemos afirmar que todos ou a maioria dos professores de Língua Portuguesa baseiam-se apenas na gramática normativa e que todos ou a maioria dos alunos não gostam e não se interessam pelo estudo da gramática.

Os questionários aplicados aos professores e alunos foram de grande utilidade para compreendermos um pouco mais do que os alunos pensam a respeito do ensino de gramática e se eles conseguem perceber a importância desse

ensino. Colaborou também para que conhecêssemos um pouco mais do modo que o professor de Língua Portuguesa trata a gramática em sala de aula e se conseguem reconhecer as dificuldades de seus alunos para posteriormente auxiliá-los nos pontos que se fazem necessários.

Com as conclusões dadas acima, pode-se inferir que os professores devem buscar os melhores métodos de ensino e os que se adequem com a realidade de seus alunos, ou seja, não adianta o professor aplicar a mesma metodologia a alunos que tenham dificuldades diferentes, que tenham necessidades diferentes, e por fim, que tenham interesses diferentes.

A missão do professor é ensinar a gramática normativa como mais uma possibilidade linguística que o aluno pode e deve conhecer, e não impor regras e costumes tradicionais que os obriguem a decorar as nomenclaturas e as classificações gramaticais para: assim que preencherem as lacunas ou fizerem uma prova, esquecerem, de tudo o que supostamente foi “aprendido”, ou melhor, decorado.

Enfim, para que realmente tenhamos um porquê para ensinar gramática, e conseqüentemente termos a resposta da questão: Por que aprender gramática? Docentes e futuros docentes necessitam com urgência repensar o ensino da Língua Portuguesa em suas aulas de gramática, utilizando a gramática em sua forma mais autêntica, a gramática de uso de seus alunos. Fazendo isso o professor de língua materna cumprirá seu papel de *“tornar seus alunos políglotas em sua própria língua”*. (Bechara, 2002)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

\_\_\_\_\_. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* Ática. São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. *Moderna gramática da língua portuguesa*. Ática. São Paulo, 2002.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais. Ensino Médio: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 2000.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

LUFT, Celso Pedro. *Língua e Liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática na escola*. São Paulo: UNESP; 2003.

\_\_\_\_\_. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. *A gramática: história, teoria e análise e ensino*. São Paulo: UNESP; 2003.

\_\_\_\_\_. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERINI, Mário Alberto. *Sofrendo a Gramática*. São Paulo: Ática, 2001.

POSSENTI, Sírio. *Porque (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado da Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

ROCHA LIMA, Carlos Henriqued. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2009–14ª edição.

\_\_\_\_\_. *Ensino de gramática numa perspectiva textual interativa*. (org.) Acesso em 22 de novembro de 2014.

## ANEXO 1

### QUESTIONÁRIO – PROFESSORES

1. Atua como docente da disciplina de Língua Portuguesa há quanto tempo?

---

2. Qual deve ser o objetivo maior das aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio?

---

---

---

---

---

---

3. Como o ensino da gramática pode contribuir para tal objetivo?

---

---

---

---

---

4. Qual a melhor forma de trabalhar a Gramática Normativa no Ensino Médio?

---

---

---

---

---

5. Quais os exercícios que você costuma trabalhar com seus alunos para ensinar a Gramática Normativa? Cite algum exemplo.

---

---

---

---

---

---

---

Desde já, agradeço pela atenção e pelo carinho dispensados para responder a este questionário. Sua contribuição é de grande valia para mim!

*Priscila A. Soares*

## ANEXO 2

### QUESTIONÁRIO – ALUNOS

1. O que é gramática?

---

---

---

---

2. Você gosta de estudar gramática? Justifique sua resposta.

---

---

---

---

3. Qual a sua preocupação ao aprender gramática e qual benefício você acha que obterá com esse aprendizado?

---

---

---

---

4. Qual a sua opinião sobre a maneira que seus professores conduziram e conduzem as aulas de Língua Portuguesa, especificamente, quando abordam temas relacionados à gramática?

---

---

---

---

---

5. Cite algo que você aprendeu durante as aulas de Língua Portuguesa que lhe foi de grande ajuda em situações fora da sala de aula (por exemplo: em reuniões e entrevistas de emprego, num diálogo com o superior, etc.).

---

---

---

---

Desde já, agradeço pela atenção e pelo carinho dispensados para responder a este questionário. Sua contribuição é de grande valia para mim!

*Priscila A. Soares*